

A educação feminina cearense pela ótica da Escola Normal (1884-1930)

Kaline Cibele Araújo Coelhoⁱ 

Universidade Estadual do Ceará, Maracanaú, CE, Brasil

Resumo

O trabalho em questão objetiva realizar um panorama breve sobre as mudanças nos aspectos educacionais para as mulheres com a Escola Normal do Ceará, de 1884 a 1930. Para tal foi precisa uma análise sobre questões de gênero e a visão social da mulher como gênero mais fraco e intelectualmente inferior, fazendo com que as disciplinas para as poucas escolas femininas fossem diferentes das masculinas. Com essa análise se torna possível também perceber essa formação educacional voltada para a magistratura e a formação de um ciclo em que mulheres se formam na Escola Normal e viram profissionais de educação repassando os ensinamentos para outras moças. Para tal, foram analisadas matérias do jornal O Nordeste e do Almanaque estatístico, administrativo, comercial e literário do Estado do Ceará que fornecem dados sobre o tema apresentado. O jornal O Nordeste nos oferece um olhar mais conservador, com ele é possível ver o que se pensava sobre as moças e como essas deveriam agir. Com o Almanaque pudemos ter acesso a uma pesquisa mais quantitativa, com listas de professores.

Palavras-chave: Escola Normal. Mulheres. Educação.

Cearense female education through the Normal School (1884-1930)

Abstract

The work in question aims to provide a brief overview of the changes in educational aspects for women with the Escola Normal do Ceará, from 1884 to 1930. For this, an analysis of gender issues and the social view of women as a weaker gender was needed. and intellectually inferior, making the subjects for the few female schools different from the male ones. With this analysis, it is also possible to perceive this educational formation focused on the judiciary and the formation of a cycle in which women graduate from the Escola Normal and saw education professionals passing on the teachings to other girls. To this end, articles from the newspaper O Nordeste and the statistical, administrative, commercial, and literary Almanac from the State of Ceará were analyzed, which provide data on the topic presented. The newspaper O Nordeste offers us a more conservative look, with which it is possible to see what was thought about the girls and how they should act. With Almanac we were able to access more quantitative research, with lists of teachers.

Keywords: Normal School. Women. Education.

1 Introdução

Buscamos discutir um pouco sobre a educação feminina no Ceará dentro de um recorte de 1884 até 1930. Dentro desse contexto a Escola Normal do Ceará foi

uma das mais importantes instituições educadoras para as mulheres cearenses que não eram livres para frequentarem qualquer instituição e por isso esta instituição norteia esta discussão. Mostramos que temos avanços lentos com a educação feminina ao trazer, por exemplo, o currículo da Escola Normal para o ano de 1921, vemos nele disciplinas como matemática e física, ao mesmo tempo que essas estavam junto com costura e arranjos domésticos.

2

O contexto em que trabalhamos é de uma nova república recém-inaugurada, um país que busca implementar novidades e tecnologias inspiradas nos modos de vida que se estabelecem na Europa. O governo procura qualificar minimamente seus trabalhadores para torná-los mais preparados para um mercado de trabalho que inicia um processo de produção mais mecanizado e que procura trazer essas novidades de países como Alemanha, França e Inglaterra. Alfabetizar os brasileiros entra em pauta, mesmo que ainda de maneira restrita.

Também é necessário dentro do trabalho tratar das questões de gênero que são indissociáveis das pesquisas que relatam as vidas das mulheres que costumam sofrer preconceitos milenares apenas por serem mulheres em uma sociedade que utiliza os gêneros como verdade universal e não como uma invenção baseada na divisão biológica dos sexos. Dentro dessas divisões vemos nascer e crescer uma hierarquia de poder que perpassa gerações. Para tal, utilizamos as autoras Joan Scott e Judith Butler.

Para constituir a pesquisa foram utilizados os periódicos O Almanaque estatístico, administrativo, comercial e literário do Estado do Ceará e O Nordeste. Podemos ver em ambos notícias e informações relacionadas à Escola Normal, à docência e como as mulheres deveriam se comportar para serem boas moças e o porquê eram criticadas.

2. Educação: busca pela liberdade feminina

A Proclamação da República do Brasil alterou a estrutura da nação que se formava a partir de 1889, dentro desta transformação tem-se mudanças também na educação. A modernização almejada pelo novo governo busca igualar o país ao

padrão europeu que era utilizado como exemplo e culturalmente considerado superior, algo que foi sendo propagado pelos países imperialistas da Europa durante suas empreitadas coloniais nos séculos XV a XVIII¹ e novamente com a partilha da África e da Ásia no século XIX. Essa modernização que o Estado almejava inclui um investimento em educação, o intuito seria qualificar minimamente os sujeitos para o trabalho e dentro desse contexto se inclui uma educação feminina que inicialmente ainda vai se voltar para atividades domésticas, mas que abre espaço para que as moças tenham maior acesso a um mundo de conhecimento.

A Educação oferece um instrumento poderoso, o conhecimento, que possibilitou e possibilita que os sujeitos sejam capazes de contestarem e questionarem padrões e normas. Isso se aplica à luta feminina por igualdade, conquistada paulatinamente através da busca incessante destas pela equiparação educacional, impossível de ser abordada sem discutir as relações de gênero e de poder que emanam da estrutura social.

A questão das relações de gênero mais frequentemente se associa com os sexos e o binarismo, feminino e masculino. Para Scott (2012), o gênero é uma criação cultural que tem como intuito oferecer justificativas para as relações desiguais de poder que se estabelecem. As diferenciações biológicas servem para a construção do gênero que age como um sistema de divisão de tarefas na sociedade, cada sujeito possuindo um papel a desempenhar que é determinado segundo padrões de raça, classe e sexo. Mas, justamente por ser um mecanismo de distinção social, o gênero não é algo acabado e pronto, as concepções sobre ele e as maneiras em que essa categoria é utilizada para as divisões sociais, dentro de cada grupo, são moldáveis.

A dominação exercida pelo sistema social é quase invisível, pois já se encontra enraizada na população e é sofrida e exercida por todos os sujeitos. Para as mulheres essa dominação era e é ainda mais latente, pois, em uma sociedade sexista a divisão de gênero é responsável por determinar papéis sociais, ficando as mulheres restritas ao ambiente privado, isso se justificando através de premissa já

¹ Segundo Hobsbawm “o novo imperialismo foi o subproduto natural de uma economia internacional baseada na rivalidade entre as economias industriais concorrentes, intensificada pela pressão econômica dos anos 1880.” (Hobsbawm, E. A Era dos Impérios, Paz e Terra, 1988, p. 101)

muito antiquada, de que biologicamente as mulheres possuem menos força física. Todavia, na sociedade moderna, esta questão não é mais válida para definições e rótulos. As mulheres lutaram e lutam para estudar e conseguirem uma equiparação intelectual que a todo custo tenta-se evitar, elas buscam mais liberdade para ir e vir e serem o que desejarem.

Segundo Freire (2011, p. 34):

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca [...] Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal fora dos homens, ao qual inclusive se alienam. Não é uma ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos.

A liberdade, portanto, é uma constante busca, no caso das mulheres, dificultada pela opressão que se deriva de um sistema de poder e que se utiliza de categorizações em gênero, classe, etnia, para realizar um processo de controle corporal por intermédio da disciplinarização. Essas divisões se caracterizam por serem construções sociais e culturais submetidas a determinismos, sendo esferas como gênero, sexualidade e corpo construções, assim como coloca Butler (2017, p. 30): “[...] mas o ‘corpo’ é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de ‘corpos’ que constitui a marca dos sujeitos com marcas de gênero”.

Este corpo, segundo Foucault, vai sendo docilizado e no mundo moderno punido de maneiras não mais físicas, mas psicológicas. De maneira sutil, vai-se perpetuando a figura da mulher objeto, que obedece às regras e que pode ser vista, inclusive, na figura da professora e das alunas que seguem diversas restrições para conseguirem uma formação mínima, desde a vestimenta, modo de olhar, falar, escrever, sentar-se, andar etc. Todos esses detalhes são levados em consideração e devem seguir padrões exemplares. Mesmo as mulheres na vida pública, como o caso das professoras e outras profissões, terão seus corpos regulados, sendo provedoras, mas também força de trabalho.

As moças que se engajavam nas instituições normais² de ensino, por exemplo, eram sujeitadas a extenso protocolo e formas de se portar, havendo casos em que não se aceitavam mulheres casadas como professoras para que os alunos não pudessem imaginar que a normalista tivesse uma vida conjugal. Muitas das moças que se formavam não chegavam a lecionar, pois a educação normal para suas famílias era apenas uma maneira de prepará-las para a maternidade já que as instituições costumavam preparar as estudantes para cuidar das crianças, suas alunas. Também existiam aquelas que apenas lecionavam enquanto solteiras e logo que casavam abandonavam a profissão.

As moças deveriam ser centradas e praticamente não possuir vida pessoal, se dedicando de forma total à educação. Mas, apesar de tudo isso, elas não foram apenas dóceis, demonstraram-se ao seu modo, subversivas, como pode-se perceber em trecho de Louro (2018, p. 478-479):

As mulheres, nas salas de aula brasileiras e nos outros espaços sociais, viveram, com homens, crianças e outras mulheres, diferentes e intrincadas relações, nas quais sofreram e exerceram poder. Pensá-las apenas como subjugadas talvez empobreça demasiadamente sua história, uma vez que mesmo nos momentos e nas situações em que mais se pretendeu silenciá-las e submetê-las, elas também foram capazes de engendrar discursos discordantes, construir resistências, subverter comportamentos. Construir uma história às avessas [...].

A modernidade que se institui a âmbito nacional permite modificações que afetam em diferentes níveis as atitudes femininas. Na educação, tem-se a criação das Escolas Normais em todo o Brasil, as mulheres têm acesso a outras culturas, pregadas como evoluídas e civilizadas, o mercado de trabalho começa a se abrir para elas em algumas profissões. Inicialmente professoras e enfermeiras, principalmente, mas dentro de um movimento de lutas por mais espaço pode-se perceber aos poucos o alargamento disso que vem de mãos dadas com a ampliação do sistema educacional.

3 Escola normal, educação feminina

² Aqui nos referimos às Escolas Normais.

As mulheres costumavam serem associadas com as atividades domésticas algo que até hoje é comum que aconteça. Então, durante muito tempo mulheres que aprendiam a ler ou uma profissão não eram bem-vistas pela sociedade, costumavam aprender com suas mães ou outras mulheres próximas apenas o essencial para constituírem um bom matrimônio e assim perpetuarem suas posições.

6 Nas primeiras escolas para elas tinham disciplinas muito específicas que, apesar de organizadas de maneiras distintas das formas de aprendizagem caseira, possuíam o intuito também de ensinar as atividades domésticas. Economia doméstica, administração do lar, artes do vestuário e puericultura³, são alguns exemplos e assim as mulheres aprendiam a ser aquilo que socialmente lhes era imposto e ensinado.

Sobre essa questão, Rubin (2017, p. 10) aponta:

[...] O que é uma mulher domesticada? Uma fêmea da espécie. Uma explicação vale tanto quanto a outra. Uma mulher é uma mulher. Ela só se transforma em mulher do lar, esposa, em escrava [...] dentro de determinadas relações. Fora dessas relações, ela já não é mais a auxiliar do homem, assim como ouro em si não é dinheiro.

A imagem abaixo, do currículo da escola Normal do Ceará de 1921, retrata bem que apesar das meninas já terem aulas de física, matemática, literatura, entre outras, também precisavam aprender questões como higiene, pois tinham que se ocupar de como cuidar adequadamente das crianças e também aulas de trabalhos de agulhas relacionado a costura e de arranjos domésticos.

³ Disciplina destinada aos saberes da saúde e higiene das crianças.

Figura 1 – Currículo da Escola Normal

DECRETO N. 300 A, DE 28 de Dezembro de 1921

O Presidente do Estado, tendo em vista o art. 9º da lei nº 1872, de 24 de Setembro de 192... (*apagado*), resolve expedir para a Escola Normal do Ceará o seguinte

REGULAMENTO
Da Escola e seus fins

Art. 1. – A Escola Normal do Estado do Ceará é um externato destinado à instrução fundamental e secundária tendo em vista a habilitação para o magistério primário.

Art. 2. – O curso normal é dividido em quatro annos e abrange as seguintes cadeiras e aulas:

CADEIRAS

- 1ª e 2ª – Portuguez
- 3ª – Francez
- 4ª – Pedagogia
- 5ª – Arithmetica e Noções de Algebra
- 6ª – Geographia, Chorographia do Brasil e Noções de Cosmographia.
- 7ª – Historia geral e Historia do Brasil. Noções de Instrucção cívica.
- 8ª – Noções de Physica e Chimica, de Sciencias naturaes e de Hygiene.

AULAS

- 1ª – Noções de Geometria pratica e Desenho.
- 2ª – Trabalhos de agulha e arranjos domésticos.

Fonte: SILVA, Maria Gorete L. P. **A Escola Normal do Ceará nos anos de 1930-1950:** palco de debates políticos e pedagógicos no calor das Reformas. 2009. 235f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009, p. 74.

Com o início do funcionamento da Escola Normal no Ceará, em 1884⁴, as mulheres vão ter uma oportunidade que foge das opções anteriormente existentes dos internatos religiosos ou da educação de ofício⁵, se inserindo na educação básica. A Escola Normal cearense é sinônimo de referência educacional e nasce juntamente a uma nova concepção de educação, reflexo das ideias republicanas de

⁴ A lei de criação da Escola Normal é de 1878, lei provincial nº 1.790, mas oficialmente a instituição só passou a funcionar em 1884. Cf. OLIVEIRA, Jacqueline Holanda Tomaz de. História da educação no Ceará: a reforma de 1922 e o escolanovismo. In: Congresso Nacional de Educação, 11., nov. 2013, Curitiba. **Anais**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013, p. 21647-21662. Disponível em: http://educere.bruc.com/arquivo/pdf2013/8039_6471.pdf. Acesso em: 20 dez. 2018.

⁵ Aquela voltada para os estudos das prendas domésticas.

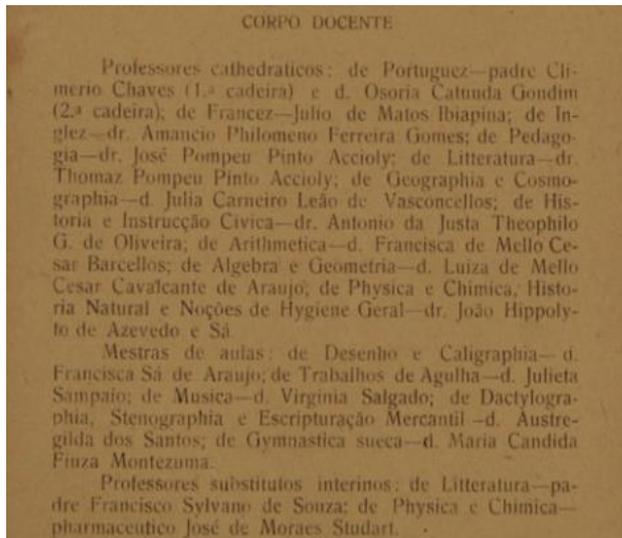
ensino público, gratuito e universal. A Escola cearense será modelo e palco de constantes debates educacionais e o local onde irão nascer novas abordagens pedagógicas utilizadas como padrão em todo o estado. A Escola Normal não se mostrou apenas uma oportunidade para as crianças estudarem com a implantação das escolas modelos de treinamento, mas as moças também podiam formar-se em uma profissão. “Até a década de 30, a Escola Normal gerida pelo estado ou por instituições religiosas, mesmo com todas as limitações que continha, desempenhou papel relevante na formação profissional e na elevação da cultura da mulher brasileira” (NOVAES, 2014, p. 49).

Apesar do preconceito inicial, com a profissão se feminizando, as moças que concluíam o curso tinham prestígio, pois eram reconhecidas pela capacidade intelectual acima da média. Se tornavam moças com aptidões para a vida pública, quebrando a representação do modelo de gênero feminino construído dentro das relações de poder com uma possibilidade de repensar a identidade a partir dessa quebra de “protocolo”. “[...] a normalista era vista como uma pessoa politizada. Fato esse que também aponta para uma instituição que embora trabalhasse com a disciplina, também preparava o aluno para tomar atitudes” (ARAÚJO, 2014, p. 55).

O número de mulheres na magistratura aumentou significativamente após os homens se retirarem desse ofício desvalorizado e que pagava pouco migrando para outras carreiras. Tudo bem pagar pouco para as mulheres, pois elas não deviam ser provedoras dos lares, isso era o pensamento da sociedade, além também do pensamento de que ninguém melhor para educar uma criança que uma mulher. Em documentos do Almanaque do Ceará são demonstrativos desse aumento do número de mulheres como professoras em substituição aos homens ao mesmo tempo em que não é possível verificar nenhuma mulher nas listas de docentes de faculdades como de medicina e direito.

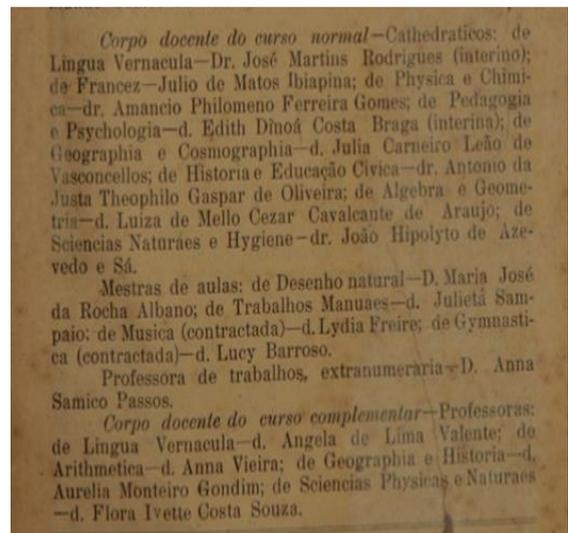
Uma comparação realizada entre a lista de professores da Escola em 1920 e 1930 demonstra isso. Em 1920, eram 9 professores e 10 professoras, já em 1930 eram 5 professores para 11 professoras.

Figura 2 – Professores da Escola Normal
1920



Fonte: Almanaque estatístico, administrativo, mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará. Fortaleza, 1920, p. 56.

Figura 3 – Professores da Escola Normal
1930



Fonte: Almanaque estatístico, administrativo, mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará. Fortaleza, 1930, p. 48.

Assim, chegamos à conclusão de que a Escola Normal do Ceará que tem sua tradição iniciada em 1884 e até hoje funciona com o nome de Instituto de Educação do Ceará, localizada no bairro de Fátima, em Fortaleza, foi uma mola propulsora para a educação feminina no Ceará sua importância sendo tamanha que foi utilizada como laboratório para a aplicação de inovações pedagógicas durante o século XX que formou mulheres fortes que passaram a ser grandes nomes da vida pública como as escritoras e docentes Alba Valdez, que estudou na Escola Normal, lecionou na mesma e foi a primeira mulher aceita na Academia Cearense de Letras em 1922 e Ana Facó também escritora, professora da Escola Normal e formada na mesma.

4. Considerações Finais

Realizamos uma sucinta discussão sobre o papel da educação na vida da mulher cearense realizando um recorte para uma das mais importantes instituições

de educação feminina do Estado. Apesar de atualmente não ser uma instituição tão crucial no âmbito educacional para as mulheres já o foi e justamente por causa do seu pioneirismo foi possível que a educação feminina se multiplicasse pelas diversas instituições. Posteriormente as escolas se tornaram mistas e as meninas passaram a ter as mesmas disciplinas que os meninos, mas ainda por muito tempo as professoras, maioria de mulheres na docência por muito tempo, continuaram tendo suas formações nessa instituição que é representativa e saudosa para muitas cearenses.

Ligamos as discursões de gênero a temática, pois se a educação feminina por muito tempo foi desigual, precária e rara isso se deveu a preconceitos de uma sociedade patriarcal que via e infelizmente ainda ver nas mulheres seres mais instáveis e até mesmo menos capazes que os homens para desempenhar algumas tarefas, menos inteligentes muitas pessoas de um, dois séculos atrás diriam.

Grandes mulheres cearenses estiveram agarrando a oportunidade de aprender e repassar seus conhecimentos adquiridos dentro desta instituição e como disse, Louro (2018, p. 479), em sua História das mulheres no Brasil, já citado acima: “Pensá-las apenas como subjugadas talvez empobreça demasiadamente sua história”, pois para mulheres que nenhuma liberdade tinham um pequeno passo na direção do não, não pode, não é adequado, abria precedentes que inspiravam outras a pisarem nas marcas dos caminhos trilhados rumo a desobediência.

Referências

ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. **A tradicional Escola Normal cearense chega ao bairro de Fátima**: formação das primeiras professoras primárias (1958-1960). 2014. 307f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2014.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., nov. 2013, Curitiba. **Anais**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013, p. 21647-21662. Disponível em: http://educerebruc.com/arquivo/pdf2013/8039_6471.pdf. Acesso em: 20 dez. 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

HOBSBAWM, E. **A Era dos Impérios**, Paz e Terra, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In*: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 443-481.

OLIVEIRA, Jacqueline Holanda Tomaz de. História da educação no Ceará: a reforma de 1922 e o escolanovismo. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 11., nov. 2013, Curitiba. **Anais**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2013, p. 21647-21662. Disponível em: http://educerebruccon/arquivo/pdf2013/8039_6471.pdf. Acesso em: 20 dez. 2018.

OLIVEIRA, Kátia Alves; MARQUES, NARA Letícia Pereira; LIMA, Michelle de Castro. A trajetória da escola normal: história da formação de professores no Brasil e no Estado de Goiás. *In*: Encontro de licenciaturas e pesquisas em educação, 2, 2016, *Goiânia*. **Anais...** Goiânia: Ciclo Revista: Experiências em Formação no IF Goiano, 2016. Disponível em: <https://www.ifgoiano.edu.br/periodicos/index.php/ciclo/issue/view/6/showToc>. Acesso em: 12 ago. 2019.

RUBIN, Gayle. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. **Projeto História**, São Paulo, v. 45, n. 45, p.327-351, dez. 2012, p. 334. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/15018>. Acesso em: 18 jul. 2017.

SILVA, Maria Gorette Lopes Pereira. **A Escola Normal do Ceará nos anos de 1930-1950**: palco de debates políticos e pedagógicos no calor das Reformas. 2009. 235f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Educação Brasileira, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

SILVA, Régia Agostinho da. **Entre mulheres, história e literatura**: um estudo do imaginário em Emília de Freitas e Francisca Clotilde. Fortaleza, 2003. 199f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, 2002.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. *In*: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2018, p. 401-442.

^{i i} **Kaline Cibele Araújo Coelho**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2070-7380>
Universidade Estadual do Ceará

Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará (2019). Já atuou como bolsista de iniciação científica pela Universidade Estadual do Ceará. Atualmente é professora de História e Geografia da rede privada de ensino em Maracanaú. Tem experiência na área de História, desenvolvendo estudos sobre os seguintes temas: Gênero, moda e educação.

Contribuição de autoria: Escrita e revisão completa.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9847577510363278>

E-mail: kalinecibele2011@gmail.com.

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

COELHO, Kaline Cibele Araújo; A educação feminina cearense pela ótica da escola Normal (1884-1930). **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 2, p. 1-12, 2020.